

O coração – órgão da cordialidade

The heart – organ of cordiality

Walther Bühler¹

¹Médico antroposófico (1913-1995)

Capítulo do livro O corpo como instrumento da alma. São Paulo: Associação Beneficente Tobias; 1977. 79 p.
Tradução de Ursula Szajewski. Do original alemão: Bühler W. Der Leib als Instrument der Seele in der Gesundheit und Krankheit. Stuttgart: Verein zur Forderung eines erweiterten Heilwesens; 1955. Publicado com autorização da editora.

Palavras-chaves: Coração; trimembração; sistema rítmico; medicina antroposófica.

Key words: Heart; threefoldness; rhythmic system; anthroposophic medicine.

RESUMO

A partir do século XVII desenvolveu-se a noção de que o coração é nada mais, nada menos que uma bomba. O fígado passou a ser visto como um laboratório químico; o pulmão um fole e a estação de transformação do ar. Aprendeu-se a conceber todos os órgãos de modo puramente mecânico, materialista, unicamente sob o ponto de vista químico ou físico.

Falamos no homem trimembrado, anatômica e fisiologicamente, como instrumento da alma sob seus três aspectos: o sistema neurossensorial – refletindo a vida representativa, o sistema do metabolismo e dos membros – a base do querer, e o sistema rítmico – a base do sentir. Goethe já nos ensinara que as partes de um organismo sempre encerram em si o todo, e que a parte deve ser desenvolvida a partir da ideia do todo.

No coração reside todo um homem. Na medida em que tem músculos e desenvolve vontade, ele participa do sistema dos membros; mas quando faz o sangue parar, quando o observa e apalpa com os processos nervosos, a fim de se formar uma imagem, ele participa do sistema nervoso e de seus processos anímicos; e finalmente, como órgão rítmico, gerador do equilíbrio, o coração participa das forças anímicas do sentir. Eis porque não se pode, absolutamente, considerar o coração como bomba. Ele é um órgão vivo, permeado de vigorosa harmonia, um órgão totalmente impregnado de alma.

O coração, situado em pleno campo de tensão da totalidade do ser humano, sempre corre o risco de adoecer – não por sua própria natureza, mas a partir daquilo que a cabeça exige dele, consequência de impressões sensoriais desordenadas, excesso de vigília e frieza de sentimento; ou a partir do que dele exigem os membros, em trabalho excessivo ou pressa; ou o metabolismo, por exemplo, o fígado, quando a pessoa come ou bebe demais, então o coração ‘amolece’ aos poucos, se alarga ou acumula gordura e não conserva mais sua forma; e também a partir do que dele exige o sangue, por excesso de instintos e paixões irrefreadas. Porém o que mais lhe causa dano são as emoções violentas.

ABSTRACT

From the 17th century the notion that the heart is just a pump took place. Similarly, the liver was seen as a chemical laboratory, the lungs as an air processing station. All organs were seen from a purely mechanical, materialistic point of view.

We speak about the threefold nature of the human being, anatomically and physiologically, as an instrument of the soul in its three aspects: the neurosensory system - reflecting the thoughts, the system of metabolism and limbs - the basis of willing, and rhythmic system - the basis of feeling.

Goethe had taught us that the parts of an organism always carry with them the whole, and the part should be developed from the idea of the whole. At the heart lies a whole human being. The heart participates in the system of the limbs because it has muscles and develops will. But when the heart makes the blood stop, when it observes and touches with the nervous processes in order to form an image, it participates in the nervous system and the soul processes. Finally as a rhythmic organ, generating balance, the heart participates in the forces of feeling. That's why one cannot absolutely consider the heart as a pump. It is a living organ, permeated with vigorous harmony, entirely impregnated by soul. The heart, located in the stress field of the human being, has always the risk of getting sick - not by its nature, but because the head requires, as a result of disordered sensory impressions, excessive awareness and lacking feeling; or because the limbs require, overwork or hurry; or because of the metabolism, e.g., the liver, when one eats or drinks too much, then the heart gradually accumulates fat or enlarges; and also because the blood requires, with excess of passions and instincts. But the violent emotions are the most damaging.

Trataremos hoje do órgão que deve ser visto, no homem, como o centro de sua vida e que é considerado como um dos mais importantes órgãos – o coração. Muito já se falou sobre este órgão e muitas pesquisas já foram feitas sobre ele. Mas ainda não faz tanto tempo que se conhece o modo pelo qual ele se enquadra na circulação geral do sangue. Foi somente no início da Época Moderna que um inglês descobriu que o sangue não corre simplesmente, de qualquer modo nas artérias, mas que se encontra em movimento circular; surgiu então, pela primeira vez, o conceito da circulação em relação ao coração. Já se sabia anteriormente que o sangue corre do coração para o pulmão e que daí volta ao coração, e se fala, ainda hoje, em pequena circulação. Ora, a esta pequena circulação segue-se a grande circulação na qual, como vocês sabem, o sangue parte do coração através das artérias para todos os órgãos, todos os cantos e recantos do organismo humano e volta pelas veias, que podemos observar em parte quando aparecem, azuladas, sob a pele. O sangue afluí de dois lados, coletando-se nas veias cavas, superior e inferior, e retorna ao coração. Todos sabem que o coração é dividido, é um músculo oco que compreende diversas partes: falamos em cavidades. Conhecemos quatro cavidades. Desenhados esquematicamente, temos aqui as duas aurículas e aqui os dois ventrículos, com seus orifícios (Fig. 1). Entre a aurícula e o ventrículo encontram-se orifícios, tanto na parte esquerda quanto na direita do coração. Nestes lugares, assim como onde o ventrículo desemboca em vaso, artéria pulmonar ou aorta, encontra-se algo especial. Encontramos aí as chamadas válvulas do coração. Estas válvulas foram minuciosamente estudadas, em corações removidos dos corpos. Percebeu-se que estas formações são construídas de tal modo que o sangue só pode fluir em um único sentido; foram por isso designadas como válvulas. Tais válvulas existem em diversos tipos de bombas, nas quais um fluxo – geralmente de água – sofre uma pressão, sendo o objetivo das válvulas, justamente, dirigir o fluxo em sentido único. Uma válvula é, portanto, um dispositivo que deixa passar algo somente em uma direção, como por exemplo, na câmara de ar da bicicleta. Ela tem uma válvula, por onde entra o ar, e o que importa é que o ar não mais pode sair. Ora, a válvula da bicicleta é bem diferente da cardíaca, mas desempenha as mesmas funções. O sangue deve fluir da aurícula para o ventrículo mas não deve refluir, pois se o fizesse, o coração, toda a circulação e mesmo todo o ser humano ficariam transtornados.

Não é de grande importância sabermos, aqui, como são construídas essas válvulas. Vocês podem imaginá-las como pequenas portas. A porta se abre para um lado, e o sangue pode passar. Desenvolvendo, no ventrículo, novo impulso e nova pressão, o sangue refluiria à aurícula. Mas isso é impedido, pois essa engenhosa válvula se fecha, e o sangue só pode continuar em um sentido. Temos no coração – como já foi dito – quatro dessas válvulas: na passagem das aurículas para os ventrículos e na saída dos dois ventrículos.

No século XVII, a humanidade chegara ao ponto de poder compreender tal fato mecanicamente. Jamais um grego ou egípcio poderia saber algo sobre válvulas cardíacas, embora pudesse ter acontecido, também naquela época, que se observasse o coração de algum animal. A partir do século XVII, podia-se falar em um sistema fluente, podia-se dizer que o sangue adquire pressão no coração, que sai do coração com uma pressão muito superior à do sangue que penetra na aurícula direita. Finalmente, desenvolveu-se a noção de ser o coração nada mais, nada menos que uma bomba; portanto, uma bomba que, como qualquer bomba d'água, exerce a função de distribuir um líquido, de conferir-lhe uma pressão, de modo que ele corra em uma determinada direção e possa vencer a força da gravidade, podendo, por exemplo, a água ser elevada para um nível mais alto. É assim que vemos o grande mistério, o fato de que, em nós, o líquido sanguíneo corre em todas as direções; corre também 'monte acima', por exemplo, para a cabeça. Se vocês ficarem de cabeça para baixo e pés para cima, pouco importará ao sangue, ele simplesmente ascendera até aos pés; é verdade que a cabeça ficará vermelha porque nela ficará represado um pouco mais de sangue. Mas de um modo geral, tais represamentos são logo superados. Pois normalmente, o sangue também sobe pelas pernas vencendo, talvez, mais de um metro, e volta ao coração; é verdade que aí ele se represa com maior facilidade. Este fato é conhecido por todos os que já observaram, em si ou em outros, veias varicosas. Sem dúvida, existe o perigo de o sangue ser vencido pela gravidade. Todos sabem que em muitas doenças cardíacas, é característico o mau funcionamento da circulação; a intervenção da gravidade que naturalmente existe também em nós, se intensifica, provocando o represamento de líquido sanguíneo que, saindo dos vasos, provoca as pernas inchadas, o chamado edema. Pode haver acúmulo, nos tecidos, de litros de líquido, e então a pessoa está gravemente doente.

Bem, este conceito do coração como bomba não ficou isolado. O fígado passou a ser visto como uma espécie de laboratório químico, grandioso, embora, mas apenas laboratório; o mesmo se deu em relação ao estômago, no qual se descobriu que o ácido clorídrico e algumas outras substâncias exercem a função de decompor quimicamente os alimentos. As paredes do estômago ainda exercem uma certa ação mecânica, triturando os alimentos. Portanto, aprendeu-se paulatinamente a conceber todos os órgãos de modo puramente mecânico, materialista, unicamente sob o ponto de vista químico ou físico. Sob este aspecto, o pulmão é um fole e a estação de transformação do ar, das trocas de oxigênio e gás carbônico, onde o ar é expulso por pressão na medida em que não serve é reabsorvido por pressão negativa que pode até mesmo ser medida. O músculo foi considerado como gerador de força com um sistema de alavancas. De fato se tornou possível explicar o ser humano de alto a baixo como um aparelho mecânico, embora muito complicado, mas perfeitamente compreensível.

Somente a cabeça apresentou alguma dificuldade. Já lhes descrevi na aula anterior* que ela foi considerada como sede exclusiva da alma, já que, de fato, ela está ligada, essencialmente, à formação de nossa vida de representações mentais conscientes. E, embora se acreditasse poder compreender o olho como máquina fotográfica, o cérebro e os nervos ainda constituíam um resto que escapava a uma explicação puramente mecânica porque era visto como sendo impregnado da alma. Mas mesmo isto não durou muito. No final do século XIX, quando o materialismo atingiu, em vários aspectos, sua máxima floração, muitos médicos, principalmente fisiologistas e psiquiatras, já defendiam a opinião de que o cérebro secreta os pensamentos como o fígado secreta a bile. Portanto, a alma e a vida espiritual humana não eram entidades independentes. Eram o produto de determinados processos químicos no cérebro, e tão perecíveis como estes. Parecia ser apenas uma questão de tempo o esclarecimento das fórmulas químicas relacionadas às ‘modificações de agrupamentos moleculares’, à ‘liberdade’, ‘divindade’ ou ‘imortalidade’, em determinada circunvolução cerebral.

Todo o ser humano, enfim, tornar-se-ia laboratório e máquina. Já na primeira metade do século XVIII, um francês, La Mettrie, escreveu nesse sentido um livro, ‘L’homme machine’ – O homem, uma má-

quina. Vocês veem, portanto que, ao contemplarmos o coração, atingimos uma peça central de todo o conceito do homem. Devemos nos perguntar: “Será que podemos, realmente, considerá-lo como máquina, como bomba?” Não é tão fácil responder a esta pergunta, pois, comprovou-se que faz sentido falar de funções valvulares, sistemas de pressão, circulação de líquidos etc. Entretanto, já em toda mente ingênua – ou talvez deveríamos dizer em toda mente dotada de bom senso – algo se opõe à ideia de considerar-se como um simples mecanismo um órgão que é, no mínimo, o centro de nossa vida.

Já tivemos a oportunidade, aqui, de falar da sede da alma no homem e procuramos expor que todo o homem, da cabeça aos pés, e expressão de sua vida anímica; que não existe nenhum sistema orgânico que não contribua em sustentar a alma, em revelá-la, e que não possa servir de instrumento a nossa vida anímica. Os que assistiram àquela palestra lembrar-se-ão do que dissemos – que a vida anímica humana se divide em três funções básicas: percepção, sentimento e volição. Expusemos, em seguida, como a cabeça, com seus órgãos dos sentidos, seus nervos e seu cérebro, de fato, serve a nos apresentar as imagens que levamos em nosso consciente, das quais nos lembramos, que movimentamos ou sobre as quais refletimos. Os órgãos dos sentidos e o cérebro exercem aí funções puramente refletoras. Mas, como dissemos: quando queremos transformar uma imagem, então precisamos dos membros. A vontade e as forças no homem se desenvolvem nos membros, onde encontramos – além dos ossos, dos tendões e das articulações –, os músculos como principais órgãos da realização da vontade humana. Vimos também que, no metabolismo, no estômago, no intestino, onde também existem músculos, processos volitivos inconscientes se introduzem profundamente no homem, na medida em que ele elabora internamente a matéria que, no exterior, ele poderá trabalhar conscientemente com suas mãos. Mas o mais importante foi, que tivemos de procurar as funções e os órgãos que servem de base ou portador do sentimento humano, ou seja, daquilo que vivenciamos na alegria, na tristeza, na simpatia e na antipatia. Descrevemos, então, que existe algo entre a cabeça e os membros: são as funções rítmicas, que se manifestam notadamente na respiração, na circulação do sangue, nos batimentos do coração. Todas essas funções rítmicas, com sua contração e expansão, com seu vai-e-vem, com todo o jogo de

* Bühler W. Os três membros do organismo humano. *Arte Méd Ampl.* 2011; 31(2): 4-11.

seus ritmos, fornecem a base daquilo que, no homem, oscila entre prazer e desprazer, entre simpatia e antipatia, entre amor e ódio etc.

Eu queria expor mais uma vez, diante de vocês, esse esquema da imagem do homem: o homem trimembrado, como dissemos, com seu sistema neurossensorial, refletindo a vida representativa; com seu sistema do metabolismo e dos membros, a base do querer; e com seu sistema rítmico, a base do sentir. Falamos no homem trimembrado, anatômica e fisiologicamente, como instrumento da alma sob seus três aspectos. É somente a partir deste fundo que, com a visão do todo, podemos ousar a tentativa de compreender uma parte do homem: seu coração. Aliás, Goethe já nos ensinara que as partes de um organismo sempre encerram em si o todo, e que a parte deve ser desenvolvida a partir da ideia do todo. Goethe observara isto naqueles vegetais, cujas partes cortadas são capazes de gerar toda uma nova planta. O ideal de nossas observações seria, portanto: da mesma forma como o homem, como um todo, produz o coração, nós, a partir de uma observação correta do coração, reconstituiríamos todo o homem, e vice-versa. Vamos, pois, tentar isso hoje.

Voltemos ao coração, àquilo que sobre ele sabemos. O coração é um músculo. É, portanto constituído principalmente de carne. E, como todo músculo, o músculo cardíaco é vermelho e se contrai, entra em um estado de tensão, endurece e, em seguida, novamente amolece e se expande. No pulso podemos observar essa mobilidade, essa atividade do coração. Portanto, o coração apresenta, sem dúvida, um movimento muscular. O que significa isto para nós? Ora, isto significa que o coração apresenta certa atividade; isso se relaciona com o fato de uma substancialidade adquirir movimento ou estar em movimento. Vimos que toda vez que músculos estão em ação, substâncias são transformadas, entram em atividade; animicamente falando, desenvolve-se uma atividade volitiva do homem. Já aludi anteriormente que a volição não cessa no lugar onde é engolido o alimento. Todos sentem que querem algo ao mastigarem com vontade ou ao quebrarem uma noz. Também já descrevi, naquela palestra que, quando o bocado de alimento está engolido, cessa a nossa vontade consciente ou a vontade dirigida pela consciência, e tudo o que se segue ocorre 'de per si'. Mas este 'de per si' deve ser colocado entre aspas porque nada no mundo ocorre de per si. Até mesmo o esôfago tem de trabalhar para que o alimento chegue ao estômago. Ele não desliza por si mesmo; 'desliza', aliás, também se ficarmos de cabeça para baixo, porque é ativamente propulsi-

nado pela ação muscular do esôfago. E do mesmo modo, o estômago e outros órgãos exercem trabalho ativo. Chegamos a conhecer aí um trabalho inconsciente da alma, e foi essa a dificuldade que encontramos: reconhecer a alma como algo que vive e trabalha, mesmo quando não aparece como vida anímica consciente.

Na psicologia atual, a teoria do inconsciente desempenha um papel muito importante. Dá-se o mesmo em relação ao coração. O coração desempenha o seu trabalho, sem que o queiramos conscientemente. Não obstante, ele tem vontade. Tem uma vontade muito resoluto ('de coração'), pela qual é ativo. Podemos dizer, portanto, na medida em que o coração possui um músculo cardíaco, ele está envolvido no processo do querer, participa das forças, das relações que, no homem, atuam no sistema dos membros e do metabolismo. Não vamos agora examinar em detalhe como são formados estes órgãos musculares no coração. Mas podemos dizer que a principal atividade volitiva, assim como a maior parte da massa muscular, se encontram nos dois ventrículos do coração, e entre eles o mais ativo, o que desenvolve mais volição, é o ventrículo esquerdo que, por isso mesmo, tem o músculo mais grosso. Quanto à capacidade, os ventrículos não são maiores do que as aurículas; o volume de sangue que comportam e exatamente igual; caso contrário, tudo ficaria desordenado. Mas, exteriormente, os ventrículos são maiores, porque têm músculos mais grossos e mais potentes. Vocês veem que o coração tem uma parte onde se acentua principalmente a massa muscular e a atividade muscular, onde ele é, com especial intensidade, órgão do querer.

Mas o coração também participa de tudo aquilo que a cabeça faz. Ora, o que faz a cabeça? A cabeça existe para observar o mundo ou o próprio homem. Para observar o mundo, a cabeça tem os órgãos dos sentidos, que veremos mais minuciosamente na quarta palestra. Para que as impressões sensoriais possam ser percebidas pela alma, um condutor, o nervo, parte de cada órgão sensorial para o cérebro. Neste se encontra uma concentração de órgãos nervosos, constituindo realmente uma 'central', de modo que falamos em sistema nervoso central. É aí que nasce, então, a consciência. A cabeça toma consciência do que se passa no mundo, em nosso próprio corpo e em nossa alma. A cabeça nos reflete tudo isto. Ela exerce a função de se formar uma imagem do homem e do mundo. Esta faculdade, de se formar uma imagem do homem – e, de certo modo, até mesmo do mundo –, o coração também possui. O coração lhe atribui mesmo um valor especial e

forma em si, por assim dizer, algo como um 'sistema nervoso particular'. A cabeça pode nos ensinar que, quando queremos saber algo sobre alguma coisa e nos formar uma imagem, precisamos de um sistema nervoso, de órgãos de sentido. E descobrimos então, que o coração está pronto a sacrificar uma parte de seus músculos. O coração, versátil e habilidoso, é capaz de transformar uma parte de seus músculos em nervos. É um fato interessante, este processo de formação de nervos que partem do ventrículo direito, ou seja, do ventrículo que é o primeiro a receber todo o sangue do corpo. O coração deseja, por assim dizer, formar-se aí, de imediato, uma ideia do que se passa com o sangue; começa então a formar-se aí um pedacinho de cérebro (Fig. 1 N.N.). Existem, no coração, diversos destes nódulos nervosos. Um destes pequenos 'nódulos cerebrais' é denominado nódulo de Aschoff-Tawara, em homenagem ao famoso patologista Aschoff que ainda foi meu professor, e ao japonês Tawara que, em conjunto com Aschoff, estudou este sistema cardionervoso e descobriu este nódulo já há algumas décadas.

Percebemos de fato que, partindo daí, fibras nervosas transtecem da mais maravilhosa maneira o tecido cardíaco, em todos os sentidos, recebendo, ainda, a participação de nervos de todo o organismo. E, vejam bem, onde há nervos há sempre terminações nervosas, e terminações nervosas são sempre sensíveis, sentem e apalpam algo, degustam e farejam*. Vocês, portanto, podem imaginar o coração não apenas como um órgão ativo que intempestivamente exerce alguma ação, mas como um órgão que muito cuidadosamente observa o que acontece. É um órgão interiormente atento, muito vigilante em relação a si mesmo. Neste sentido, é um órgão sensorial. Quando vocês apalpam um punhado de areia, a deixam correr por entre os dedos, vocês sentem se ela é pesada, se é seca, de granulação fina ou grossa, fria ou quente. Assim como vocês sentem tudo isto, podemos imaginar que o coração, ao receber o sangue e contrair-se, transpalpa o sangue com este gesto de contração. Apalpa, assim, a constituição interna do sangue, da qual faz parte, também, sua velocidade. Isto interessa muito ao coração, pois o sangue acorre de todos os cantos e recantos do corpo. Chega aí uma imensa massa de sangue do fígado, outra da cabeça, outra, ainda, dos membros ou dos rins. Vejam vocês: o

coração procura orientar-se quanto ao que ocorre em todo o corpo, quanto àquilo que o sangue pode informar. Por exemplo, o coração percebe nitidamente que o sangue proveniente do fígado, de toda a parte inferior do corpo, através da veia cava inferior, é mais quente do que o sangue proveniente da cabeça. Este é mais fresco. A própria ciência já mediou tais temperaturas e descobriu assim um fato que só o coração conhecia.

Outro exemplo da atenção, do estado de vigilância do coração: se vocês sobem uma escada rapidamente, talvez quatro ou cinco andares, percebem de repente que estão respirando mais profundamente. Observando melhor, percebem, ainda, que o coração bate mais depressa. Por quê? Ora, porque o sangue deve circular mais depressa. E por que deve ele circular mais depressa? Porque as pernas estão em movimento. Os músculos das pernas precisam de oxigênio; isto significa que o sangue tem de trazer mais oxigênio; o coração, portanto, deve trabalhar mais depressa. O coração corresponde a esta necessidade. Ele sabe, de imediato: as pernas estão agora em movimento, o sangue está mais pobre em oxigênio, as pernas ficariam asfixiadas internamente; preciso fazer com que o pulmão venha socorrer. E logo o coração bate mais depressa, e a respiração se torna mais profunda. O coração é ativado na medida em que as pernas ou todo o homem se ativam. Mas isto não acontece automaticamente. É o coração que o percebe. Ele percebe que, nas pernas, o sangue não tem mais a composição adequada; as pernas poderiam sufocar e, nelas, seriam sentidas terríveis dores, caso o sangue não fosse corretamente adaptado ao processo volitivo do andar. Realmente existem doenças nas quais os vasos das pernas são muito estreitos, e a pessoa tem de interromper a marcha e esperar que o sangue afluja em volume suficiente, para que ela possa recomeçar a caminhada. É um quadro mórbido bem definido, no qual estão doentes os vasos dos membros inferiores.

Portanto, a aceleração do coração em presença de uma atividade física demonstra que o coração está prestando atenção e se adapta ao modo pelo qual, nesse momento, a alma humana intervém no corpo. Mas assim que vocês tranquilamente se sentarem à escrivaninha, perceberão que o coração bate mais devagar, fica mais calmo, porque a volição exerce agora apenas um mínimo de atividade,

* Partimos, quanto a esta observação, da indicação fundamental dada por Rudolf Steiner de que aos chamados nervos motores também cabem funções sensitivas que "servem à percepção interna do processo metabólico que forma a base da volição". [Cf. R. Steiner. *Von Seelenraetseln* (De mistérios da alma), 1ª ed., p. 246].

dirige alguma caneta ou algo semelhante. O coração é, portanto, um órgão sensorial para a circulação.

Prezados ouvintes, para observar alguma coisa, sempre é bom que a tenhamos diante de nós em repouso. Por exemplo, se um automóvel corre pela estrada a 120 km/h, será difícil anotar o número de sua placa, observar quantas pessoas leva, se o motorista está fumando ou não, etc. Tudo isto se torna fácil de ser observado quando o carro para. Podemos então constatar o número da placa e olhar tudo. Em seguida ele pode continuar sua viagem. De fato, o segredo, para observar algo, é fazê-lo com tranquilidade, e quanto mais quieto o objeto, melhor poderá este ser observado. Lembremo-nos, mais uma vez, além disto, de que nossos órgãos são espelhos e que nosso cérebro, como já dissemos, é um excelente espelho mágico, graças ao qual podemos formar uma imagem do mundo e de nós mesmos. Um espelho só pode funcionar tendo uma superfície lisa e imóvel. Podemos citar o exemplo da superfície da água. Enquanto nela existe qualquer movimento próprio, estando a água encrespada ou levemente ondulada, vemos nela o jogo das ondas e não nossa própria imagem. A imagem ideal, não deformada, é obtida quando a superfície da água está absolutamente lisa. Foi por isso que eu lhes disse, na última palestra, que podemos compreender a alma no cérebro imaginando um nadador que sai da água e, da praia, vê sua imagem na água tranquila que ele já não está agitando. Portanto, o sistema neurossensorial, a formação de imagens especulares e a formação da consciência estão ligados à calma, à parada e à interrupção dos movimentos.

Vimos que, no cérebro, muitos processos não continuam, inclusive a faculdade regenerativa, pois aí toda mobilidade é interrompida – chamamos, então, o cérebro de órgão inativo, sob o ponto de vista externo, e só depois percebemos que sua atividade se situa em outro campo. Algo semelhante acontece com o coração. Também sob este aspecto, o coração tem de seguir o exemplo do cérebro, quando quer observar e saber o que ocorre no sangue e formar uma imagem do que se passa em todo o corpo; como por exemplo, se o corpo sente frio.

Para poder ser atento e observar deste modo, o coração, apesar de toda a atividade e de todo o movimento, precisa do elemento repouso, precisa saber parar, interromper seu movimento. E aí ele imita a cabeça. Assim o coração é o grandioso órgão capaz de fazer parar o sangue! Em nenhum outro lugar do corpo – no indivíduo sadio – o sangue, sempre circulando, sempre fluindo, estimulando a vida, deve parar. Só pode fazê-lo no coração! Com essa

finalidade, o coração inventou alguma coisa que representa o contrário da mobilidade do músculo vermelho: são as válvulas cardíacas, essas válvulas que se fecham, formam barreiras e param o sangue. Ao confluir, de cima e de baixo, na aurícula direita, o sangue tem uma grande surpresa: não pode prosseguir! É verdade que isto não dura muito tempo; não obstante, é decisivo. Aqui, pela primeira vez, o fluxo do sangue é interrompido. Vocês podem comparar isto com o que acontece quando se chega à divisa entre dois países, mesmo viajando apenas até a Suíça: controle de alfândega, parar, interromper a viagem! Mas vocês têm pressa. Por que são retidos? Por que devem parar, perder tempo apesar de viajarem em trem expresso? Por que este país chamado Suíça colocou na fronteira seus 'órgãos dos sentidos', seus vigilantes? Porque a Suíça quer saber: o que entra aqui, como é, será que há algum contrabando? Para poder observar, como já disse, é preciso fazer parar as coisas. Uma vez que estas coisas foram observadas, elas podem partir novamente. O coração faz exatamente isto. Não quero dizer que ele seja uma grande estação alfandegária – já que o sangue não viaja munido de passaporte – mas bem poderia acontecer que o sangue quisesse contrabandear alguma coisa, o que não seria conveniente. Portanto, o coração deve prestar atenção e o faz parando o sangue e exclamando quatro vezes: pare, pare, pare, pare! Eis o sentido profundo das válvulas cardíacas.

Estas válvulas cardíacas ocupam uma espécie de posição intermediária – mesmo em sua aparência – entre nervo e osso. São realmente tendinosas, duras, sem sangue nem músculos. Em certos animais, observa-se até mesmo que a lâmina tendinosa de tecido conjuntivo, na qual se fixam as válvulas, endurece de tal modo que, de fato, se transforma em osso. Como, sempre, em alguma parte, a natureza revela o seu mistério, mostra-nos aqui que o coração tem a coragem de incorporar os processos da ossificação, da retenção, do enrijecimento, processos que alcançam tão extraordinário desenvolvimento na cabeça. Na cabeça todos os ossos se engrenam firmemente, já não há articulações, e as circunvoluções cerebrais são rígidas e imóveis. Reina aí o elemento do repouso, da rigidez, cujo ponto máximo é a ossificação. Vocês devem ver em conjunto estes dois fatos: o coração tem um sistema nervoso e tem órgãos tão isentos de sangue como essas válvulas, altamente sensíveis. Simbolicamente, isto, talvez, poderia ser desenhado de forma a inscrevermos aí uma cruz que representaria as forças aí atuantes e que conferem ao coração uma certa firmeza, uma certa dureza, uma força de

resistência, mas ao mesmo tempo uma capacidade de recusa. Quando, por exemplo, o sangue esteve no pulmão pela pequena circulação, e voltou à aurícula esquerda, novamente ele é retido e novamente examinado: estará com a cor adequada, corretamente renovado? Terá sido bom o ar no exterior, o ar que o pulmão terá de respirar? Etc. O coração percebe tudo isto e diz: sim, está em ordem. E o sangue – após ser retido mais uma vez no ventrículo esquerdo – pode então prosseguir, através da aorta, para todo o corpo, para nos refrescar e revitalizar.

Vocês, prezados ouvintes, chegaram agora a conhecer o coração como sendo também um órgão sensorial; o conheceram, participando do sistema neurossensorial. É um órgão que tem a faculdade de fazer uma imagem do movimento do sangue e da composição do sangue. Vocês veem que ele participa de um polo do homem, na vida representativa, e participa do outro polo, na vida volitiva, na vida dos membros e do metabolismo.

Entretanto, ao indagarmos qual, enfim, seja a força básica do coração, devemos dizer: é o ritmo! É essa possibilidade de manter o equilíbrio, de compensar, de ter sempre a visão de ambos os lados, entre a contração e a dilatação. Considerem vocês, o seguinte: o coração deve parar o sangue, e é no coração que o sangue readquire movimento. Entre inércia e movimento, o coração deve manter o equilíbrio! – O sangue afluí; há uma certa oferta. O corpo precisa novamente de sangue; há uma determinada demanda. Entre demanda e oferta, o coração tem de manter a média! Quando o corpo precisa de maior quantidade de sangue, o coração tem de cuidar para que o sangue desenvolva a velocidade correta e corra em maior volume. – O sangue tem um certo peso, tende a ceder à gravidade. Mas é no coração que o sangue recebe novamente o impulso necessário. Entre gravidade e impulsão, o coração deve manter o equilíbrio! – O coração trabalha como unidade com suas duas partes diferentes, pois na realidade ele é constituído por ‘dois corações’. De fato, existe um coração direito que trabalha independentemente, inserindo-se na circulação venosa e enviando o sangue ao pulmão, e existe o coração esquerdo. Este, talvez, poderia situar-se em outra parte, no hemitórax esquerdo, onde também funcionaria. Dois corações trabalham constantemente em conjunto e formam uma unidade superior. Deste modo, a esquerda e a direita são constantemente conduzidas ao equilíbrio. – Quanto à grande circulação, o coração é orientado a todos os órgãos, a toda a vida orgânica interior do ser humano. Na pequena circulação, entretanto, na qual o coração coleta todo

o sangue e o envia ao pulmão, ele está em relação com o mundo exterior. É aí que o sangue entra em contato com a atmosfera, ou seja, com o mundo exterior sob a forma de ar. Novamente, o coração tem de manter o equilíbrio entre interior e exterior, entre os órgãos do corpo, aquilo que o sangue relata dos órgãos, e o órgão pulmonar que se abre ao mundo exterior. O coração deve manter-se sempre no meio e gerar harmonia, entre interior e exterior, entre alto e baixo, entre esquerda e direita. Para ser capaz disto, o coração deve ser – poderíamos dizer – como um músico. Pois, como poderia criar harmonia sem ter sensibilidade musical? Deveria possuir uma fina capacidade de empatia. E de fato, uma terceira força básica da nossa atividade anímica inconsciente da qual vive o coração é a força do sentir.

Ao observarem algo com interesse, com amor, vocês adotam uma determinada atitude anímica. Para refletir algo, precisam apenas da fria razão e do cérebro. Mas para observar algo cuidadosamente, com interesse e dedicação, vocês precisam do meio, da parte central do homem, precisam da força anímica do sentimento, do interesse, do ‘ser capaz de se abrir’. O coração participa intimamente desta força, deste ‘ser capaz de se abrir’, desta capacidade de sentir as coisas; isso lhe confere a receptividade em relação a todo o sangue do corpo; em relação a tudo o que afluí e chega a ele, o coração desenvolve uma espécie de dedicação. Mas, por outro lado, o coração precisa daquela força anímica a que aludimos quando dizemos que alguém é corajoso. Para executar suas funções, o coração não precisa apenas de uma força que volitivamente aciona o músculo cardíaco, mas de uma força que enfrenta o trabalho com real coragem – diríamos até com um certo entusiasmo. E, realmente, o coração trabalha com um ânimo vital muito grande, quase que inesgotável. Vocês dirão: como é possível saber que o coração tem coragem vital? Bem, isto se percebe pela situação oposta; é como o caso da luz solar, sobre a qual só refletimos quando acontece um eclipse. Quando desaparece a luz solar é que pensamos particularmente sobre ela. E quando o coração adoece, podemos perceber algo. Quando ele não funciona corretamente, o homem pode, pelo coração, sofrer terríveis estados de angústia. Assim que, por certas razões, o coração deixa de ser capaz de desempenhar seu trabalho, surge a angústia cardíaca, a *angina pectoris* que, nos casos graves, provoca dores terríveis e faz nascer no homem um medo da morte, impossível de ser combatido animicamente. De nada adiantam aí palavras de conforto, de consolo ou tranquilizadoras! Tudo isto não ajuda.

Será necessário aí aplicar uma injeção para combater o espasmo, e socorrer diretamente o coração. O medo é inimaginável e quem o sofreu o descreve como um precipício. Isto é compreensível, pois o coração e conseqüentemente o homem sentem: se isto continuar, dentro de alguns minutos será o fim. O coração sente o abismo da morte; eis porque ele desenvolve tal sentimento de medo. Um órgão capaz de irradiar este sentimento de medo também possui, normalmente, a força contrária que, no entanto, passa despercebida. A origem de sua força é o ânimo vital. Quando, na Idade Média, se conferiu o apelido ao valente cavaleiro Ricardo Coração de Leão, ainda se conhecia este fato. O coração trabalha assim a partir desta alternância: dedicação por um lado, atividade corajosa por outro lado. Vocês veem que o coração participa da força anímica do sentimento humano. No coração reside todo um homem. Na medida em que tem músculos e desenvolve vontade, ele participa do sistema dos membros; mas quando faz o sangue parar, quando o observa e apalpa com os processos nervosos, a fim de se formar uma imagem, ele participa do sistema nervoso e de seus processos anímicos; e finalmente, como órgão rítmico, gerador do equilíbrio, o coração participa das forças anímicas do sentir. Eis porque não se pode, absolutamente, considerar o coração como bomba. Ele é um órgão vivo, permeado de vigorosa harmonia, sim, é mais do que isto, é um órgão totalmente impregnado de alma. Como as cordas de um piano vibram em ressonância com uma voz humana, assim o coração participa de tudo o que ocorre em nossa alma. O coração pula de alegria, bate esperançoso, hesita de susto. A alma sensível, em todas suas disposições, precisa, como base, do coração com seu ritmo circulatório e respiratório, tal como os tons harmônicos precisam da tônica.

Sendo a força anímica do coração uma parte essencial de nossa alma total, há sentido em indagarmos de que modo o homem desenvolve seu lado anímico: em observarmos se uma pessoa é mais orientada para a cabeça, pronta a refletir o mundo fria e sobriamente, a analisá-lo e a decompô-lo; ou se ela sente as raízes de sua alma mais para o lado do coração, se é mais orientada para o que vive animicamente no coração, para aquilo que plasma o coração. Podemos, assim, julgar perfeitamente se uma pessoa tem o coração mais aberto ou mais fechado, se ela se orienta mais pelo lado do coração que faz parar o sangue e examina tudo cuidadosamente, ou se ela se orienta mais pelo lado do coração que está pronto a receber tudo e a tudo novamente dar, com novo impulso. Trata-se de manter

o equilíbrio entre fechar o coração, como às vezes é necessário na vida, e abri-lo exageradamente. Do mesmo modo como o coração distingue, por exemplo, entre o sangue mais quente da parte inferior e o mais frio da parte superior, o homem deverá perguntar a si mesmo: sou uma pessoa de coração frio ou de coração quente; inflamo-me facilmente ou talvez o faço com excessiva dificuldade? Julgar-se-á que alguns sejam sensíveis ou tenham um coração muito mole ou mesmo que sejam covardes. Ou então se dirá que uma pessoa tenha uma pedra no peito, em vez de coração; que seja um sujeito de coração duro. A contrapartida da sensibilidade excessiva é a crueldade. Bem, o ideal seria que todos pudéssemos dizer que possuímos harmonia anímica, equilíbrio entre as partes alta e baixa, semelhantes aos do coração sadio. Entretanto, será difícil encontrar uma pessoa capaz de manter, como o coração, a média entre a dedicação atenta ao mundo e a atividade corajosa quando se trata de trabalho. Se tal pessoa existisse, não se poderia falar em coração aberto ou fechado, mole ou duro. Tal ser humano só poderia ser designado como realmente cordial. Receber tudo cordialmente, poder observar tudo, ter coração para tudo, não só na teoria como também na prática, quando se trata de ajudar, por mãos a obra, de coração. Eis então, de certo modo, o que poderíamos chamar o ser humano ideal. Quem souber manter a média entre cordialidade aberta e atividade corajosa encontrará, em sua índole ensolarada, sempre na vida, o dourado caminho do meio; será uma pessoa animicamente sadia.

Naturalmente, o coração, situado em pleno campo de tensão da totalidade do ser humano, sempre corre o risco de adoecer – não por sua própria natureza, tão grandiosa, mas a partir daquilo que a cabeça exige dele, conseqüência de impressões sensoriais desordenadas, excesso de vigília e frieza de sentimento, ou a partir do que dele exigem os membros, em trabalho excessivo ou pressa; e talvez também a partir do que dele exige o sangue, por excesso de instintos e paixões irrefreadas, também capazes de intranquilizar o coração. Mas o que mais lhe causa dano são as emoções violentas. Quando a pessoa, irada, dá murros na mesa, o coração tem de participar disto tudo. É o coração que sofre as conseqüências quando ‘fermos’ de raiva ou estarcemos de susto. Imediatamente, o coração tem de bater mais depressa ou mais lentamente, e tem de acompanhar a circulação do sangue quando ficamos com a cabeça corada. O coração observa tudo, participa de tudo. Por outro lado, a força anímica inconsciente do coração esmorece com o tempo, se não encontra eco em uma índole cultivada pela devoção,

pelo amor e pelo entusiasmo por genuínos ideais. Se, além disto, levamos uma vida sem ritmos ou se somos obrigados a nos comportar de modo pouco harmonioso, porque a vida, com as atuais condições da civilização e de nossas profissões, o exige de nós, então até mesmo o mais perfeito coração falha. O que é anímicamente frio se torna, então, no coração, estreiteza e dureza; o coração entra em espasmo, estreita seus vasos e, finalmente, se calcifica. Podemos dizer que, de certo modo, ele empalidece interiormente. – Quando, no entanto, é o metabolismo que exige demais do coração, por exemplo, o fígado, quando a pessoa come ou bebe demais, então o coração ‘amolece’ aos poucos, se alarga ou acumula gordura e não conserva mais sua forma. Ao invés de se petrificar, nesse caso, ele corre o risco de se dissolver. Instalam-se, então, as doenças inflamatórias, talvez uma miocardite que inclui sempre o perigo de uma dilatação cardíaca. Ocorre algo como um ‘coração grande’ orgânico, do mesmo modo que a *angina pectoris*, o espasmo vascular, é um estreitamento, um ‘coração duro’ orgânico. Quando se chega até ao ponto de o coração ser incapaz de manter o equilíbrio e ser violentado de um

ou outro polo do ser humano, devemos retornar à sábia mãe natureza que, pura, fornece, da totalidade do cosmos, algo como o mundo vegetal. Encontramos aí reservatórios de forças criados pelo ritmo universal, a partir das quais podemos transmitir ao coração: forças solidificantes quando ele está muito mole; forças vitalizantes, aquecedoras, quando ele fica muito duro ou estreitado. Cabe ao médico, então, observar o coração e escolher na natureza o recurso adequado; ele somente será capaz de fazê-lo, se aprendeu, do coração, a observar cordialmente a natureza, e ele só poderá administrar o medicamento adequado, se existirem pessoas que, com interesse sincero e atividade corajosa, elaborarem os produtos naturais de tal modo que o médico os receba sob a forma de medicamentos úteis, para poder administrá-los ao coração doente.

É justamente neste sentido, prezados ouvintes, que trabalhamos, vocês como elaboradores das substâncias medicinais* e nós como médicos. Todos juntos podemos nos sentir como um coração com muitas divisões, intermediário entre o homem doente e a natureza curadora. Esperemos que, no futuro, esta colaboração se tome cada vez mais corajosa e mais cordial.

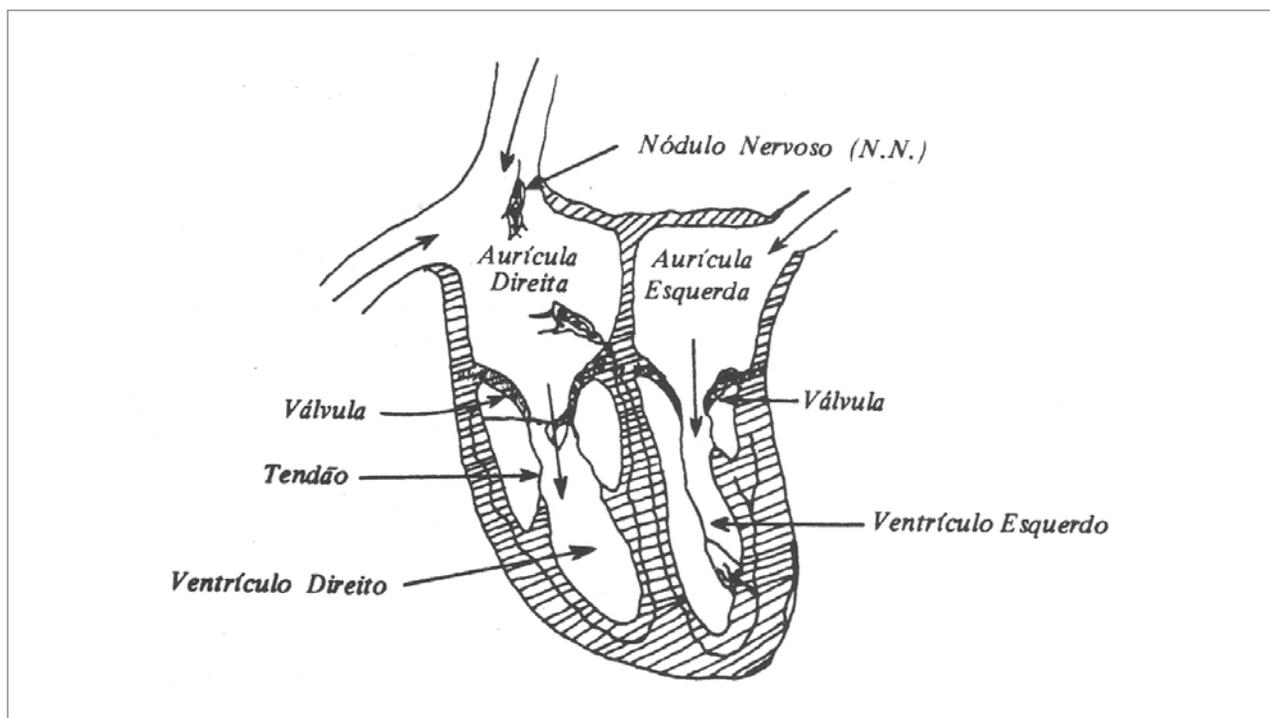


Figura 1. Esquema do coração. As válvulas da aorta e artéria pulmonar não estão representadas.

*N.E.: Esta conferência foi proferida aos colaboradores da Weleda A.G.